

Médicos descumprem horários e comprometem atendimento no Samu

Grupo de médicos no Samu atua menos do que contratado

Profissionais que recebem ligações de 269 cidades fazem horário reduzido e deixam pedidos em espera por mais de uma hora



Em 27 de junho, o médico Renan Rennó chega perto da meia-noite...



...e vai embora por volta das 4h, cumprindo um terço da jornada obrigatória



Na mesma madrugada, a médica Fabiane Vargas repete a cena...



...e vai embora por volta das 4h, também cumprindo só parte do expediente

GIOVANI GRIZZOTTI*
giovani.grizzotti@rbstu.com.br

Um grupo de médicos que deveria ficar a postos para receber ligações do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) em Porto Alegre ignora escalas, deixa o local de trabalho no meio do expediente e submete pessoas que precisam de socorro a esperas angustiantes ao telefone.

A situação foi descoberta pelo Grupo de Investigação da RBS (GDI) depois de acompanhar por dois meses a rotina de profissionais que atuam entre a noite e a madrugada na maior central de atendimento do Samu no Estado, que fica em Porto Alegre.

A reportagem teve acesso a relatórios de plantões, escalas de trabalho e extratos de atendimento de pelo menos três profissionais. A equipe confrontou os documentos com flagrantes de chegadas e saídas de profissionais fora do horário estabelecido pelas escalas. A irregularidade foi confirmada pelo coordenador do serviço.

Funcionamento

No Rio Grande do Sul, são 269 municípios atendidos pela central que fica na Capital, cobrindo 70% da população gaúcha. O sistema funciona da seguinte maneira: quando um morador de uma das cidades atendidas precisa de socorro do Samu e liga para o telefone 192, a ligação cai nesta central. Também é por aí que chegam os chamados de outras cidades que precisam transferir pacientes entre municípios por ambulâncias. Por mês, são cerca de 70 mil telefonemas.

Inicialmente, um telefonista atende ao chamado, o que geralmente ocorre de forma rápida. Depois, a ligação vai para uma fila de espera para os chamados médicos reguladores prosseguirem no atendimento e, caso necessário, acionar as ambulâncias que vão prestar socorro. É nessa etapa que ocorre a situação descoberta pelo GDI.

Durante a noite, madrugada e

início da manhã, médicos que deveriam estar disponíveis para o atendimento das ligações não cumprem integralmente suas jornadas de trabalho. Foi a indignação de um trabalhador diante deste cenário que gerou a denúncia ao GDI. O enfermeiro Cleiton Felix compartilhou durante dois meses informações sobre a rotina de plantões incompletos. No final de junho, Cleiton pediu exoneração.

Segundo ele, médicos que deveriam zelar pela vida das pessoas simplesmente não aparecem para trabalhar, e, se dão expediente, chegam a cumprir apenas um terço da carga horária contratada.

Depois que escurece, das 19h em diante, existe um revezamento. É uma escala da escala, pactuada entre os profissionais que se ajustam para fazer um plantão mais curto – explica Cleiton.

Em tese, a central do Samu na Capital deveria ter 10 médicos atendendo simultaneamente em plantões de 12 horas no turno da noite. A escala atual conta com sete profissionais, mas eles não trabalham simultaneamente, como comprovado pelo GDI durante três madrugadas acompanhando os plantões. Dentro deste período de 12 horas, por conta própria, os médicos se dividem e atuam cerca de um terço do que deveriam.

Numa escala enviada ao Ministério da Saúde aparecem ainda mais profissionais que atuariam nos turnos, incluindo nomes como o do coordenador do Samu no Estado, o médico Jimmy Luis Herrera Espinoza, que nem trabalha presencialmente na central.

Para a função, segundo o portal de transparência da Secretaria Estadual da Saúde, Jimmy recebe salário de R\$ 22.090,50. Ainda assim, ele presta serviço numa clínica em Porto Alegre durante a semana, sendo que em três dias trabalha no local das 7h às 19h.

– O que demonstra que o Samu virou um bico. E ele é conhecido, no meio, como bico. Porque não cobra horário – lamenta Cleiton, que revelou o caso.

No dia 27 de junho, o médico Renan Rennó Schumann, que recebe salário de R\$ 11.045,25, trabalharia das 19h às 7h do dia seguinte, conforme sua escala. Flagrante feito pela reportagem mostra que o médico chegou para trabalhar perto da meia-noite, permaneceu por quatro horas na central de regulação e foi embora às 4h.

Relatórios internos obtidos pelo GDI confirmam que, naquela madrugada, ele atendeu ao primeiro chamado às 23h59min, e o último, às 3h57min. Houve outros dias em que Rennó trabalhou menos. Com base no relatório de atendimentos do mês de junho, o médico teria de cumprir 12 plantões, que somariam 96 horas. Mas ele trabalhou apenas 29 horas no período.

Plantões

Na mesma madrugada, outra médica, Fabiane Andrade Vargas, com salário de R\$ 7.287,84, chegou de carro por volta de meia-noite e foi embora às 4h, seguindo o mesmo comportamento e cumprindo apenas quatro das 12 horas de sua jornada obrigatória. Os relatórios de atendimento daquela madrugada corroboram o descaso. A profissional começou a atender às 23h56min e terminou às 4h05min.

O GDI também conseguiu acesso a escalas de trabalho de Fabiane no mês de junho. Cruzando dados do que deveria cumprir com os atendimentos prestados, os sete plantões que a médica deu em junho deveriam somar 82 horas de trabalho. Ela só esteve presente no posto onde deveria atender por 36 horas.

O coordenador do Samu estadual, Jimmy Herrera, confirmou possíveis descumprimentos de horário por parte dos médicos. A Secretaria Estadual da Saúde (SES-RS), no entanto, negou que tenha conhecimento do problema e instalou uma comissão de sindicância para verificar a situação após o contato do GDI.

*Colaborou Alberi Neto

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Página: 24